

O PLURAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO INGLÊS: COMPARANDO ATRAVÉS DAS LÍNGUAS

ROBERTA PIRES DE OLIVEIRA*

RESUMO

Este texto rastreia a distribuição e interpretação do morfema de plural no português brasileiro vernacular (PB), tendo como fundo os parâmetros em Chierchia (2010, 2015) e o quadro teórico ali apresentado. Os dados do PB mostram que: (i) semanticamente, o plural é inclusivo (a exclusão dos átomos é implicatura); (ii) a oposição vazio vs. plural é significativa no determinante; (iii) não há oposição semântica entre o singular nu (SNU) e o plural nu. Este texto explica esses fatos de modo unificado e propõe que o PB é uma língua marcada para número, como o inglês, mas elas diferem quanto ao momento em que a operação de Atomização (AT) se aplica. No PB, AT é uma pressuposição do determinante, ao passo que, em inglês, AT opera sobre o predicado (CHIERCHIA, 2010, 2015).

Palavras-chave: semântica, plural, PB, inglês, variação

ABSTRACT

This squib studies the distribution and interpretation of the plural morpheme in vernacular Brazilian Portuguese (PB) taking as background Chierchia's semantic parameters (2010, 2015) and the theoretical framework developed there. Data from PB show that: (i) semantically, plural is inclusive (the exclusion of the atoms is an implicature); (ii) the opposition between no-morphology and morphology is significant in the determiner; (iii) in argument position, there is no opposition between the bare singular and the bare plural. The paper develops a unified analysis and claims that PB is a number marked language as well as English, but they differ with respect to when Atomization (AT) applies. In PB, AT is a restriction in the domain of the determiner, i.e. a presupposition of the determiner; in English, AT is an operation on the predicate (CHIERCHIA, 2010, 2015).

Keywords: semantics, plural, Brazilian Portuguese, variation

* Universidade Federal do Paraná, UFPR, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq. *E-mail:* ropiolive@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Os mapeamentos morfológicos são distintos através das línguas. No domínio nominal, sabemos que nem todas as línguas têm artigo definido (cabo-verdiano (BAPTISTA, 2007)); há línguas com classificadores (mandarim); há línguas que contam massa diretamente (yudja (LIMA, 2014)). Chierchia (2010, 2015) propõe parâmetros para explicar a variação, sem perder de vista a aquisição. Em sua proposta, as línguas são: (i) marcadas para número, como o inglês; (ii) classificadoras, como o mandarim; (iii) neutras para número, como o dené suliné.¹ Os parâmetros se explicam por “escolhas” que ocorrem bem cedo na derivação, quando ocorre a projeção de um traço nominal. Este texto investiga a distribuição e interpretação do plural no português brasileiro vernacular (PB) nesse quadro. Os dados mostram que: (i) semanticamente, o plural é inclusivo; (ii) a oposição vazio vs. plural é significativa no determinante; (iii) não há oposição no nominal nu argumental, isto é, o S_{Nu} e o plural nu estão em variação. A última propriedade é inesperada se o PB é uma língua marcada para número, enquanto a propriedade em (ii) é inesperada se o PB é uma língua neutra para número. Este texto desenvolve a hipótese de que o PB é uma língua com marcação de plural, mas difere do inglês no momento em que essa marcação é significativa: no inglês, ela ocorre no nome, enquanto no PB, no determinante. Apresentamos formalmente essa proposta e exploramos algumas de suas consequências.

A segunda seção deste *squib* revisa o modelo clássico. Mostra que esse modelo está equivocado quanto à semântica do plural. O plural é semanticamente fraco, inclusivo (um e mais do que um). A terceira seção mostra que a oposição vazio e plural não é significativa em todos os contextos; em particular, ela desaparece em posição argumental.² A quarta desenvolve a hipótese de que o PB é uma língua marcada para número, mas difere do inglês quanto ao momento em que a atomicidade (AT) opera. A proposta é unitarista porque mantém a denotação do nome singular constante, independente de ele ocorrer como argumento ou como predicado. A atomicidade opera lexicalmente, no determinante, no PB, adicionando uma pressuposição. Em inglês, é uma operação sintática no nome.

2 O SIGNIFICADO DO PLURAL NO PB E O MODELO CLÁSSICO

Qualquer teoria sobre o sistema nominal do PB tem que explicar a diferença entre:

- (1) O menino saiu.
- (2) Os menino / Os meninos saíram.³

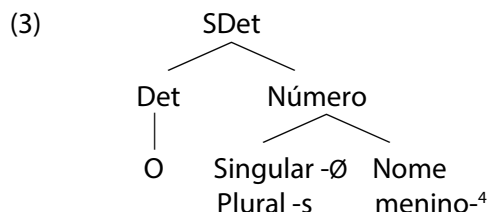
16

¹ Lima (2014) afirma que o yudja é uma língua neutra, e Chierchia (2015) entende que é uma língua classificadora.

² Também com alguns quantificadores como *muito*. Este *squib* não trata dessa construção.

³ Não importa a variedade: se o sintagma for plural, pelo menos um elemento será marcado, de preferência a cabeça do sintagma, i.e., o determinante: *os menino(s)*.

Classicamente, em (1), a ausência da marca de número é o morfema zero, \emptyset , que significa um único. O plural, representado por [-s], significa mais do que um. A estrutura do sintagma nominal é algo como:



Em que $[[\emptyset]]$ = um único e $[-s]$ = mais de um. Há muitas questões encobertas nessa descrição que, formulada de modos distintos, está em vários autores.⁵

Um problema é que, semanticamente, o plural é fraco, significa um e mais de um; ele inclui os átomos:⁶

- (4) Se você reprova nas disciplinas, tem que fazer de novo.

O modelo clássico prevê, incorretamente, que quem reprovar em uma única disciplina não tem que refazê-la. Não é essa a interpretação de (4). A exclusão dos átomos é, portanto, uma implicatura.⁷

3 O NOME NU: ONDE NÃO HÁ OPOSIÇÃO

O problema mais dramático do modelo clássico é que, no PB, em alguns contextos, em particular em posição argumental, não há oposição de número:

- (5) a. Mulheres são vaidosas.
 b. Mulher é vaidosa.
- (6) a. Comprei livros (na feirinha).
 b. Comprei livro (na feirinha).

Se o DP no PB é como em (3), geramos resultados espúrios: (5b) é sobre uma única mulher; (6b) é sobre um único livro. Uma solução é manter a estrutura em (3) para o artigo definido e, para (5b) e (6b), propor outra estrutura. Por exemplo, *livro* é um predicado atômico em *o livro* e um predicado plural (inclusivo) em (6b), por exemplo.

4 Neste *squib* não discutimos o gênero, que é certamente um traço importante.

5 Ver Mattoso Câmara (1977), Paraguassu-Martins e Müller (2008), Quadros Gomes e Sanchez Mendes (2019).

6 Ver Sauerland (2003), Chierchia (2010), Pires de Oliveira e Carturani (2014) para dados experimentais.

7 Ver Spector (2007) para uma proposta de derivação dessa implicatura.

Segundo Chierchia (2010, 2015), se uma língua é marcada para número, ela tem plural nu, mas não singular nu (SNU). Em línguas neutras para número, a distinção plural e singular não é marcada no nome. Logo, (5) e (6) são indícios de uma gramática neutra para número, enquanto (1) e (2), de uma língua marcada para número. Este texto desenvolve a hipótese de que essa é uma língua marcada para número, mas há (micro)variação: o plural no inglês modifica o nome, enquanto no PB é uma pressuposição. Essa proposta e suas consequências são exploradas na próxima seção.

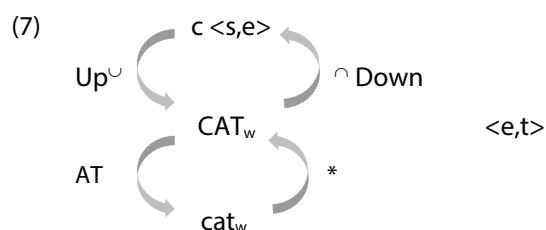
4 O SISTEMA NOMINAL NO PB

Em 4.1, revisamos a proposta de Chierchia (2010, 2015) para o inglês com o intuito de apresentar o quadro em que a proposta para o PB é desenvolvida. Em 4.2, estendemos a análise para o PB e propomos uma micro-variação. Ambas as línguas são marcadas para número, mas diferem quanto ao “momento” em que a operação semântica de Atomização se aplica. Isso gera consequências, entre as quais, o fato de só o PB apresentar o SNU.

4.1 O INGLÊS EM CHIERCHIA (2010, 2015)

Chierchia (2010, 2015) apresenta um programa de pesquisa em semântica baseado em um sistema formal bastante sofisticado. Nesta subseção, revisamos apenas sua proposta de análise para o inglês, uma língua marcada para número. Nesse tipo de língua, há diferença gramatical entre contáveis e massivos. Em inglês, nomes contáveis são contados diretamente, e nomes massivos exigem classificadores que são nomes: *3 books* ('3 livros'), *#3 mud* ('3 barro'), *3 buckets of mud* ('3 baldes de barro').

Uma língua marcada para número nasce de predicados neutros, tipo $\langle e, t \rangle$, CAT_w , na tríade semântica que amplia Partee (1985). Operações semânticas transformam essa denotação:⁸



O operador $Down$ se aplica ao predicado neutro para número e gera o indivíduo gato-espécie. Up transforma o gato-espécie em suas instanciações. AT se aplica ao predicado neutro e gera o predicado atômico. E o operador estrela $*$ toma o predicado atômico e retorna a propriedade neutra para número. A questão é como essas operações são mapeadas no inglês. Embora Chierchia entenda que “Os traços de número (SG/PL) são semanticamente

⁸ As línguas variam nos mapeamentos entre as operações e a morfologia. O mandarim inicia pelo indivíduo intensional $\langle s, e \rangle$.

significativos no nome, e não têm outro significado em posições funcionais mais altas ou no verbo”,⁹ ele também afirma que o morfema de plural em inglês é identidade, ao passo que o vazio, \emptyset , é a operação AT.¹⁰ O plural diz que há átomos numa quantidade (um e mais de um):

- (8) i. $SG(P)=P$, se para qualquer u se $P(u)=1$, $\mu_{AT}(P)(u)=1$
 ii. $PL(P)=P$, se para qualquer u tal que $P(u)=1$ há um n tal que $\mu_{AT}(P)(u)=n$

(CHIERCHIA, 2010, p. 135)¹¹

Sua proposta para a derivação sintático-semântica do DP contável em inglês, i.e., *the boy* ('o menino') e *the boys* ('os meninos'), é compatível com a representação em (3) para o sintagma determinante no PB.

Mais interessante para os nossos propósitos é a análise para os nomes nus em posição argumental. O operador Down converte um predicado cumulativo no indivíduo espécie. Ele não é definido para predicados atômicos, i.e., que se aplicam a um único indivíduo. Embora Chierchia não explicita, para chegar a esse resultado, é preciso que o operador Down ocorra após AtP, já que o nome raiz é cumulativo. Assim, em inglês, o SNu não ocorre porque o nome é singular:

- (10) DP [down [SG boy]] = undefined
 DP [down [PL boy]] = <s, e>

O SG gera um predicado atômico, que não é definido para o operador Down, a derivação colapsa e as sentenças em (11b) e (12b) são agramaticais:

- (11) a. Women are brave.
 'Mulheres são corajosas.'
 b. *Woman is brave.

 (12) a. John bought books.
 'John comprou livros.'
 b. * John bought book.

O SNu, em inglês, é um predicado atômico.¹² Essa não pode ser a história para o PB.

9 No original: "Number features (SG/PL) are semantically significant on the noun, and have no meaning on higher functional categories or on the verb" (CHIERCHIA, 2010, p.135).

10 AT é uma operação semântica que se aplica em reticulados estáveis. Intuitivamente, não se aplica a massa.

11 No original: "i. $SG(P)=P$, if for any u if $P(u)=1$, $\mu_{AT}(P)(u)=1$ " / "ii. $PL(P)=P$, if for any u such that $P(u)=1$ there is some n such that $\mu_{AT}(P)(u)=n$ " (CHIERCHIA, 2010, p. 135).

12 Ver Beviláqua e Pires de Oliveira (2018) para evidências experimentais.

4.2 O SNU E O DEFINIDO SINGULAR: UMA PROPOSTA UNIFICADORA

A literatura já notou que o PB não se encaixa nos moldes do inglês. Para explicar os fatos do PB, boa parte das soluções propõe ambiguidade.¹³ Nossa proposta é unitarista e se aproxima de Pires de Oliveira e Rothstein (2011), embora entenda que a denotação do nome no SNU não é massiva, mas contável, a favor de Schmitt e Munn (1999) e Müller (2002). Se o nome no SNU fosse massivo: (i) ele não deveria aceitar plural, mas aceita (*livro-s*); e (ii) não poderia se combinar com numerais sem classificadores, mas se combina (*3 livro versus #3 terra*). No entanto, como discutimos adiante, Pires de Oliveira e Rothstein (2011) têm razão de aproximar o SN do massa nu.

Nesta proposta, a diferença entre o inglês e o PB não está no N raiz, neutro para número, mas no momento em que AT ocorre. No PB, AT ocorre lexicalmente, ou seja, não há uma projeção de número entre o determinante e o nome, como em (3). O número se atarraxa ao determinante e aparece no nome como concordância apenas:

- (13) a. [DP_{SG} [iotaSG] [LIVRO_w]]
b. [DP_{PL} [iotaPL] [LIVRO_w]]

O morfema zero no artigo introduz uma outra condição de felicidade: esse indivíduo é atômico. O plural, a indicação de que é um ou mais de um:

- (14) a. $\text{iotaSG} = \lambda f: f(x) \ \& \ \text{AT}(x)$. o único y tal que $f(y)$ e $\text{AT}(y)$.
b. $\text{iotaPL} = \lambda f: f(x) \ \& \ * \text{AT}(x)$. o único y tal que $f(y)$ e $* \text{AT}(y)$.

Essa proposta gera os resultados esperados para (1) e (2). Ambos são sobre o único indivíduo saliente no contexto; (1) é sobre um único indivíduo, enquanto em (2) o plural denota um indivíduo plural (em que o átomo é a soma consigo mesmo) e dispara uma implicatura de exclusão dos átomos; logo (2) é, em geral, sobre mais de um indivíduo. Essa proposta gera também os resultados esperados para (5) e (6). Nessas sentenças, não há determinante, então não há AT. A atomicidade é uma pressuposição do determinante. O operador Down se aplica a N, um predicado de somas atômicas, e gera o indivíduo espécie: $[\text{D}_p \text{ down } [N]]$. Nessa proposta, os pares em (5) e (6) são semanticamente sinônimos, denotam a espécie.

No entanto, Pires de Oliveira e Rothstein (2011) mostram que o SNU se comporta como o massa nu e não como o plural nu; em particular, só o plural nu permite leituras taxônomicas ou existenciais:

- (15) a. Baleia está extinta. (espécie)
b. Baleias estão extintas. (espécie e subtipos)
c. Petróleo está extinto.

¹³ Ver Pires de Oliveira e de Swart (2015) para ambiguidade gramatical; Taveira da Cruz (2008) e Cyrino e Espinal (2011), para ambiguidade sintática; Rothstein e Pires de Oliveira (no prelo), para ambiguidade lexical.

A interpretação de alguns tipos de baleia está bloqueada para (15a), que, como (15c), só pode ser sobre o indivíduo ou intensional. Além disso, as autoras argumentam que só a sentença em (16a) pode ser verdadeira numa situação em que o falante se refere ao peso, e não ao número de livros individuais. Medir é uma propriedade de nomes de massa:

- (16) a. É muito livro para o João carregar. (medida e contagem)
b. São muitos livros para o João carregar. (contagem)

A pesquisa experimental confirma que apenas o SNU permite leitura de medida, mas mostra também que (16a) admite contagem, o que é inesperado se o nome for massivo. O plural nu é exclusivamente de contagem; no SNU, há uma oscilação entre contagem e volume.¹⁴

O SNU denota sempre a espécie e, em contextos episódicos, denota instâncias, sem a informação sobre atomicidade. Assim, com o SNU o falante está livre para escolher a medida de comparação. Já a presença do plural adiciona a pressuposição de pluralidade e dispara uma implicatura de exclusão dos átomos. O falante veicula, portanto, informação sobre atomicidade. É por isso que, em tarefas de julgamento de quantidade, os falantes interpretam (16b) apenas como o número de indivíduos. Sem a marca, os falantes não estão gramaticalmente guiados para a contagem e a interpretação é livre. A leitura de subespécie é gerada pela exclusão dos átomos que deixa os átomos salientes. Ao excluir os átomos da espécie, o plural mobiliza a estrutura taxonômica, em que a espécie é uma soma de subespécies. As instâncias são os átomos e estão excluídas pragmaticamente. Assim, ao usar (15b), o falante pode estar falando das subespécies. A ausência de qualquer marca de atomização no SNU, à semelhança do que ocorre com o massa nu, faz com que a única possibilidade seja denotar a espécie.

Um efeito colateral dessa proposta é que atomização está ligada ao item lexical no PB. Assim, *quanto* e *muito* exigem cumulatividade e, portanto, não aceitam AT. Se ligam diretamente a N. *Quanto-s* e *muito-s* geram leituras de contagem da mesma maneira que o plural nu, e deixam os átomos salientes.

A proposta desenvolvida parte da ideia de que o PB, como uma língua marcada para número, nasce de um predicado neutro para número. Atomização não é uma operação no predicado como é no inglês, mas uma operação que adiciona uma pressuposição ao determinante. Os nomes nus são gerados diretamente de N via o operador Down, e o plural pressupõe um e mais de um e coloca uma implicatura generalizada de exclusão dos átomos, tornando os átomos salientes. Não há qualquer informação sobre atomicidade no SNU, o que explica o comportamento dos falantes em testes de julgamento de quantidade. Explica também a leitura de subespécie apenas para o plural nu no PB. O predicado sem número aparente, seja em *o menino*, seja no SNU *menino*, denota sempre um predicado neutro para número. No inglês o predicado singular é um predicado atômico. Nesse sentido, esta é uma proposta unitarista.

¹⁴ Ver Beviláqua (2019), entre outros, para revisão da literatura.

5 A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Este texto é, antes de mais nada, um estudo não apenas dos parâmetros semânticos, mas principalmente do arcabouço teórico proposto por Chierchia (2010, 2015) aplicado ao PB. A investigação sobre a distribuição e interpretação do plural no PB mostra que, semanticamente, o plural é inclusivo, a distinção *vazio versus plural* é significativa no determinante, mas não é no nominal nu. A solução parte da hipótese de que o PB é uma língua marcada para número como o inglês, mas o momento em que AT acontece produz a diferença entre essas gramáticas. No inglês, atomicidade é uma operação sobre o predicado, ao passo que no PB é uma pressuposição do determinante.

Sugerimos que a pressuposição de um e mais de um e a implicatura de exclusão dos átomos associada ao plural é responsável pelas diferenças de interpretação do SNu e do plural nu. O SNu não carrega nenhuma informação gramatical sobre atomicidade.

Sem a menor sombra de dúvida, há muito a ser compreendido.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. On the syntax and semantics of DP in Cape Verdean creole. *In*: BAPTISTA, M.; GUÉRON, J. (ed.). *Noun Phrases in Creole Languages: A Multifaceted Approach*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 61-106.

BEVILÁQUA, K. *A semântica dos sintagmas nominais através das línguas: estudos experimentais sobre a distinção contável-massivo*. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

BEVILÁQUA, K.; PIRES DE OLIVEIRA, R. What do Bare Nouns mean cross-linguistically? Preliminary results. Trabalho apresentado em: *The Count-Mass Distinction - A Linguistic Misunderstanding?* Bochum, Germany. Maio 7-9, 2018.

CHIERCHIA, G. Mass nouns, vagueness and semantic variation. *Synthèse*, n. 174, p. 99-149, 2010.

CHIERCHIA, G. How universal is the mass/count distinction? Three grammars of counting. *In*: LI, Y.; TSAI, W. (ed.). *Chinese syntax: A cross-linguistic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 147-177.

CYRINO, S.; ESPINAL, M.T. Object BNs in Brazilian Portuguese. More on the NP/DP analysis. Paper presented at CSSP 2011, *Le neuvième Colloque de Syntaxe et Sémantique à Paris*. Paris: CNRS, 2011. Manuscrito não publicado.

LIMA, S. *The grammar of individuation and counting*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Massachusetts, Amherst MA, 2014.

MATTOSO CAMARA, J. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Vozes: Rio de Janeiro, 1977.

MÜLLER, A. Genericity and the denotation of common nouns in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 1, n. 14, p. 279-298, 2002.

PARAGUASSU-MARTINS, N.; MÜLLER, A. A distinção contável-massivo e a expressão de número no sistema nominal. *DELTA*, v. 23, p. 65-83, 2008.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; CARTURANI, T. The semantics of plural in Brazilian Portuguese. *In*: X Workshop on Formal Linguistics. Porto Alegre, RS, Brasil. 2014. Disponível em: <https://sites.google.com/site/workshopformalinguistics/wfl-ufrgs-program>. Acesso em: 20 jun. 2020.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; DE SWART, H. Brazilian Portuguese Noun Phrases: an optimality theoretic perspective. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 13, p. 63-94, 2015.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; ROTHSTEIN, S. Bare Singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua*, v. 121, p. 2153-2175, 2011.

ROTHSTEIN, S.; PIRES DE OLIVEIRA, R. Comparatives in Brazilian Portuguese: Counting and measuring. *In: MOLTMAN, F. (ed.). Mass and Count in Linguistics Philosophy, and Cognitive Science*. John Benjamins: Amsterdam. No prelo.

SCHMIDT, C.; MUNN, A. Against the nominal mapping parameter: Bare nouns in Brazilian Portuguese. *Proceedings NELS*, 29, p. 339–353, 1999.

QUADROS GOMES, A. P.; SANCHEZ MENDES, L. *Para conhecer semântica*. Contexto: São Paulo, 2019.

SAUERLAND, U. A new semantics for number. *In: YOUNG, R.; ZOU, Y. (ed.). Salt 13*, v. 13, p. 258-275, 2003.

SPECTOR, B. Aspects of the pragmatics of plural morphology. *In: SAUERLAND, U.; BUTLER, A.; STATEVA, P. (ed.). Presupposition and Implicature in compositional semantics*. Basingtoke: Palgrave Macmillan, 2007. p. 243-281.

TAVEIRA DA CRUZ, R. *O singular nu e a (pseudo) incorporação no PB*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Squib convidado.

Recebido e aceito em 4 de junho de 2020.